

**roberto freire:****anarquia aqui e agora** | José Maria C. Ferreira\*

Roberto Freire. *O tesão pela vida*. São Paulo, Editora Francis, 2006, 320 pp.

Elaborar uma resenha crítica ao último livro publicado por Roberto Freire — *O tesão pela vida* — não é, para mim, uma tarefa fácil. Várias razões estão na origem desta afirmação. Em primeiro lugar, amizade traduzida em múltiplas pulsões de vida unem-me a Roberto Freire enquanto perdurarem as nossas trajetórias biológicas e sociais. Em segundo lugar, não conheço em profundidade e extensão a vastíssima obra publicada pelo autor, nomeadamente em livros e artigos. Por último, o lugar sócio-histórico de Roberto Freire no âmbito dos anarquismos que interpretam e vivem a anarquia assume uma singularidade exemplar no Brasil, cujas generalizações são difíceis de discernir a nível planetário.

Devo, desde já, acrescentar que este livro tem uma contribuição importante de João da Mata, Jorge Goia e Vera Schroeder, integrantes do Coletivo Anarquista Brancaleone. Estes muito devem a Roberto Freire na construção e vivificação da Soma enquanto terapia anarquista. Diga-se também, em abono da verdade, que sem eles a obra e a vida de Roberto Freire não teria a plasticidade social que atualmente detém. Para os devi-

\* Professor do SOCIUS — Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade Técnica de Lisboa e editor da Revista *Utopia*.

dos efeitos aconselha-se a leitura dos capítulos 16, 21 e 22 — “O anarquismo somático” (pp. 201-208); “Escravidão e corpos mutilados: a capoeira como resgate da vida” (pp. 267-275); “Capoeira Angola: a terapia pelo corpo” (pp. 276-288) — de João da Mata, os capítulos 17 e 19 — “Antenas anarquistas contemporâneas” (pp. 209-219); “A liberdade no risco” — de Jorge Goia (pp. 235-251) e, ainda, “Menos prosa e mais poesia” de Vera Schroeder (pp 252-266).

Sabendo de antemão das dificuldades que já enunciei, para elaborar o meu discurso narrativo debruçar-me-ei sobre três fatores explicativos que atravessam a centralidade da obra e vida de Roberto Freire. Assim, de início procurarei incidir na análise da Soma como uma terapia anarquista baseada numa epistemologia e metodologia interdisciplinar. Por outro lado, focarei a importância dos pressupostos antinômicos da análise de Roberto Freire em relação a fenômenos biológicos, econômicos, sociais, políticos e culturais. Por último, sublinhe-se a construção e a vivência da anarquia aqui e agora a partir de uma pedagogia que tem a sua essência em indivíduos livres e soberanos.

Neste livro, desde o primeiro capítulo sente-se que a relação de Roberto Freire com a psicanálise e a psicologia foi fundamental na sua formação de médico e de inventor do conceito de Soma enquanto terapia anarquista. Entre as múltiplas contribuições de autores de diferentes origens epistemológicas — filosofia, antropologia, ética, psicologia, psicanálise, biologia, sociologia, etc... — destaca-se sobremaneira Wilhelm Reich. Este autor foi fundamental para abrir as pistas biológicas e sociais de libertação do corpo, da mente e da psique dos seres humanos inscritos nos parâmetros do princípio da realidade normativa do Estado e da sociedade capitalista. Sendo uma criação e adepto dos pressupostos da psicanálise desenvolvidos por Sigmund Freud, Wilhelm

Roberto Freire: anarquia aqui e agora

Reich, após o advento histórico do fascismo em alguns países europeus e a evolução do socialismo soviético, entra em ruptura com o seu chefe e torna-se um defensor acirrado da libertação total dos corpos dos indivíduos da escravidão exercida pela religião, pelo Estado e pelo capitalismo. Os seus livros e experiências emblemáticas que realizou nos Estados Unidos da América serviram de antídoto a todo o tipo de castração bioenergética e, simultaneamente, de projeção mundial para os que aspiravam evoluir no sentido da emancipação individual e social.

Não admira que Roberto Freire encontre em Reich a base da desconstrução psicológica e psicanalítica que lhe faltava realizar em relação à influência perniciosa que Sigmund Freud exercia nas modalidades terapêuticas de normalização dos doentes e, sobretudo, em relação à sua identidade com a ordem social vigente. A Soma, enquanto terapia anarquista, centra-se no indivíduo enquanto totalidade de vida bioenergética, social, política, cultural, econômica e civilizacional. Neste sentido, para Roberto Freire havia uma impossibilidade de explicar qualquer fenómeno biológico ou social sem articulá-lo com a totalidade universo. Devido a essa relação de interdependência sistemática e profunda entre a parte e o todo, a sociedade global e os indivíduos, Roberto Freire cria a Soma no decorrer da década de 70 do século XX. Não só é genuinamente uma terapia anarquista, baseada na auto-educação bioenergética dos corpos, da mente e da psique, como também é objeto de experimentação grupal em vários Estados do Brasil.

Embora seja impossível discernir sobre todos os paradigmas e autores citados neste livro, outras dimensões epistemológicas ajudam a compreender a obra de Roberto Freire. Engels, Clastres e Foucault. Se há algum resquício de contradição epistemológica em Roberto Frei-

re neste livro é justamente na associação política, antropológica, biológica e social que faz entre estes três autores. A tese materialista histórica e dialética de Friedrich Engels é incompatível com os pressupostos analíticos de Pierre Clastres e Michel Foucault. A contradição emerge não só porque Engels, progenitor máximo do modelo marxista, tenha se revelado uma “peste” analítica societal, cujas conseqüências deterministas geraram a escravidão individual e coletivas. O problema maior é o seguinte: como conciliar as noções de família, propriedade privada e luta de classes com indivíduos livres e soberanos, sem necessidade de chefes e de amos. Se a Soma — enquanto autores da libertação dos corpos e das vidas dos indivíduos —, encontra em Pierre Clastres e Michel Foucault familiaridades e correspondências efetivas com o étimo Anarquia, o mesmo não podemos dizer em relação a Engels.

Na perspectiva de Roberto Freire existe sempre um pressuposto inquestionável: a anarquia aqui e agora. Esta dimensão da sua vida e obra leva-nos para os campos do amor, da amizade, da solidariedade e da liberdade. É uma diferença que o separa de todos os anarquismos ortodoxos, quer eles se denominem anarco-sindicalismo, comunismo libertário ou anarco-comunismo. Antes de qualquer revolução social ou classe social predestinadas a transformarem-se em coveiros do capitalismo, do Estado e da religião, para Roberto Freire, cada indivíduo *per se* deve ser único como ator da sua própria libertação. Essa libertação é inextrincavelmente associada a uma interdependência e complementaridades sistêmicas, entre a morte e a vida, a teoria e a prática, o amor e o ódio, a guerra e a paz. Neste domínio demonstra a sua identidade com o anarco-individualismo preconizado por Max Stirner.

Roberto Freire: anarquia aqui e agora

Diga-se de passagem que uma das críticas do movimento libertário feitas a Roberto Freire reside na sua ação individual e coletiva que implica uma experimentação efetiva da Soma, como terapia anarquista, que é sem dúvida alguma a visibilidade social maior da anarquia aqui e agora. Os conteúdos e formas das críticas que lhe foram endereçadas pelo movimento libertário que, por ironia do destino, partiram daqueles que se julgam os herdeiros e guardiões genuínos da anarquia no Brasil, resulta do fato que Roberto Freire e os seus “acólitos” vendem e ganham dinheiro com a sua mercadoria denominada anarquia. Pergunto a mim mesmo e a todos que se identificam com a anarquia: quem não é objeto de compra e de venda nesta sociedade? No caso específico da vida de Roberto Freire, caso quisesse enriquecer, quer pela via profissional, quer pela via patrimonial herdada, não necessitava de pautar a sua trajetória biológica e social no sentido da emancipação individual e social. Para este efeito teria aproveitado a venda da sua mente, da sua psique e do seu corpo de uma forma mais rentável, sem estar sujeito às dificuldades de sobrevivência econômica e financeira da Soma.

Ao entrar em ruptura com a militância dedicada ao comunismo no Brasil, viu na experimentação comunitária de tipo anarquista as bases de desconstrução dos múltiplos autoritarismos e couraças intrapessoais e interpessoais. Para isso o melhor antídoto é a aprendermos a auto-governarmo-nos, a auto-educarmo-nos e a auto-compreendermo-nos, de tal foram que possamos decidir e liderar as nossas vidas, sem precisarmos de alguém para isso, inclusive do anátema que certos anarquistas ortodoxos lhe lançaram de ser o “guru” do Soma, enquanto terapia anarquista.

Por fim, na atualidade, em que medida os elementos analisados neste livro sobre a vida e obra de Roberto Freire tem pernas para se desenvolver.

No meu entendimento, há razões suficientes para integrar e desenvolver o imaginário individual e coletivo da anarquia, pelos seguintes elementos. Em primeiro lugar, pelo fato de associar a totalidade de cada ser humano à sua realidade intrínseca de seres biológicos e sociais. A complementaridade e a interdependência ajuda-nos a dar um sentido às nossas vidas no sentido de uma ecologia e uma pedagogia assentes na biodiversidade e equilíbrio ecossistêmico em escala planetária. A vida em vez da morte impõe-se sobremaneira em todas as relações sociais, mas também em relação a todas as relações que mantemos com as demais espécies animais e vegetais.

Se compreendo bem o sentido do conceito de diferença e de liberdade dos corpos em atos de amor e de liberdade na obra de Roberto Freire em relação aos seres humanos de cor branca, preta, amarela, cinzenta, etc..., também devo perceber e compreender, sem o ter explicitado de forma concreta, que essa dimensão está implícita em qualquer ser vegetal ou animal.

Outro fator importante a sublinhar reside no conteúdo auto-construtivo e de auto-governo dos corpos que é dado pela dinâmica de grupo assente nos pressupostos da pedagogia libertária e em algumas especificidades da capoeira Angola. Quer uma opção, quer outra, ajudam-nos enormemente a assimilar informação, conhecimento e energia sobre o nosso metabolismo energético, e também de nós mesmos como atores inscritos na construção do imaginário individual e coletivo de pulsões de vida como potenciação da anarquia, em detrimento das pulsões de morte que produzem e reproduzem o Estado, o capitalismo e os Deuses de diferentes tipos.

Finalmente, para concluir. Este livro de trezentas e vinte páginas — *O tesão pela vida* — é um hino à anarquia que, em última instância, expressa a vida de um homem que muito admiro e que vale a pena ler enquanto subsistirmos no planeta Terra.